

NGOMA

Revista Angolense de Literatura

Colaboram neste número de
movimento, de que são
elementos:



arnaldo santos
aristides van-dúnem
domingos van-dúnem
jofre rocha
mateus wilson tetembua
jorge macedo
josé luandino vieira
jorge kamuenho
pascoal luís lussusi
joão - maria vilanova

N.º **1** / DEZEMBRO

LUANDA
1974

Director:

João - Maria Vilanova

Coordenador:

Júlio A. Vieira Dias

Editor:

Pascoal Luís Lussussi

Redacção e Administração:

Rua da Missão de S. Paulo — LUANDA

SUMÁRIO:

Editorial	2	Ngone (teatro-fragmento) , por Domingos Van-Dúnem	14 e 15
Agostinho Neto, poeta militante		7 poemas de João - Maria Vilanova	16 e 17
<i>(ensaio)</i> , por Jorge Kamuenho . . .	3, 4 e 5	Ingombota , por José Luandino Vieira . .	18
kana ngandala oixiami (poema) , por Pascoal Luís Lussussi	6	3 poemas de Jofre Rocha	19
Acerca de "A Lusofonia em África e no Oriente" ou da dignidade do kim-bundu como língua literária (ensaio) , por João-Maria Vilanova	7	Mahezu Ngana (cena) , por Jorge Macedo	20
4 poemas de Jorge Macedo . . .	8 e 9	Do totemismo na cultura negro-africana (ensaio) , por Mateus Wilson Tetembua	21 e 22
Nome Aquele Musseque (conto) , por Aristides Van-Dúnem	10 e 11	Notas de crítica	23
Amanhecer na Katumbela (poema) , por Arnaldo Santos	12		
Etapas da Negritude , por J. M. V. . . .	13		

EDITORIAL

Mais do que simples revista, « **Ngoma** » pretende corporizar um novo movimento adentro da literatura angolense, ao propor, por um lado e sem abandono das posições oportunamente conquistadas pela « **Negritude** », uma mais funda consciencialização face ao devir histórico, encaminhando-se, por outro, no sentido de urgente revitalização dos meios expressivos, fiel a ideário que inscrito numa visão órfico-mágica, conjugue, por concreção verbal, elementos enraizados no animismo, no evemerismo, no magismo, no totemismo, no xamanismo e no manismo.

Proclamando, hoje como ontem, o popular como fonte impercível da literatura mas, postulando, desta feita na óptica acima delineada, a par dum criticismo de feição dialéctica a vigilância do discurso, « **Ngoma** » intentará valorizar, por igual e pela primeira vez entre nós oficialmente, o ético e o estético.

Tanto quanto o não foram « **Vamos Descobrir Angola** » e « **Mensagem** » (Novos Intelectuais) — movimento(s) que, assinale-se, cumpriram com exemplar dignidade os objectivos que se impuseram — « **Ngoma** » não é nem pretende vir a ser um movimento político. Todavia, « **Ngoma** » não pode, sob pena de atraiçoar-se a si próprio, alhear-se dos sofrimentos, perplexidades e alienações em que se debate, vai para quinhentos anos, o homem angolano. A arte autêntica, em que pese a uns tantos, é comprometida. Comprometida com o homem. Liberto e em dignidade. E não faria por certo excepção a nova literatura de Angola.

Os do movimento « **Ngoma** »

Agostinho Neto,
poeta militante

Jorge Kamuenho

"Nos heures sont remplies de troubles et de calamités".

Victor Hugo

"Le sang injustement répandu, la terre ne le boit pas. C' est un fleuve fumant qui continue de couler et qui sépare les victimes de leurs oppresseurs".

F. Mauriac

"Do grito ao canto e do canto ao apelo trata-se de forjar a armadura poética da contestação e de se apropriar dos elementos culturais da afirmação nacional."

Mário Pinto de Andrade

Tal como Césaire, Senghor, ou Rabemananjara, Agostinho Neto parece desmentir em toda a extensão a conhecida frase de Alfred de Vigny quando este se referia ao poeta e sua eventual inserção na linha de comando da sociedade: "o poeta e o político estão em antítese perpétua, há contradição entre o homem de pensamento e o homem de acção".

Elemento que à "Mensagem" (1951) deu o melhor de seu esforço, e que a máquina colonial — fascista não deixaria, por isso mesmo logo de assinalar, o autor de "Sagrada Esperança", "Com os Olhos Secos" e "Poemas", colocou-se desde cedo no cerne do drama: o drama de seu povo oprimido, privado

de iniciativa histórica, "exilado de si mesmo", deserdado da terra e de seus frutos. Fiel ao princípio vital da reivindicação, fez da raiz desse drama autêntica profissão de fé, transformou-o em "carne e sangue" de sua consciência. Consciência e combate. Combate e consciência. "Arma miraculosa". Acto-palavra. Palavra transmutada em acto.

Escreve, a propósito desse compromisso, o grande poeta malgache, Rabemananjara, o qual, em 1947, numa onda de repressão colonial sem precedentes, conheceu, tal como Agostinho Neto, a arbitrariedade, a detenção e o cárcere: "a solidariedade do poeta para com o seu povo não é livre, ela constitui a própria razão de ser da sua poesia e, com isso, lhe assegura a grandeza." E noutro passo: "o poeta não tem o direito de se desligar das preocupações da cidade deixando-as aos políticos". Assim o poeta está desde sempre "engajado" em corpo e espírito. E porque não é, tão-só e apenas, "a criatura que aguarda a visita inesperada da inspiração", ele está, "por vocação, encarregado duma missão específica, a de comunicar aos outros o conteúdo da mensagem, o segredo de que os deuses lhe firmam dom".

Nessa medida, portador de um canto de libertação para o seu povo e um dos obreiros, em corpo, dessa mesma libertação-poeta e homem de acção simultaneamente-Agostinho Neto é, com Jacinto e Viriato, poetas angolanos da Negritude, um dos mais lídimos e de forte expressão entre nós. Quicá o maior.

ASPIRAÇÃO

*Ainda o meu canto dolente
e a minha tristeza
no Congo, na Geórgia, no Amazonas.*

*Ainda
o meu sonho de batuque em noites de luar.*

*Ainda os meus braços
ainda os meus olhos
ainda os meus gritos.*

*Ainda o dorso vergastado
o coração abandonado
a alma entregue à fé
ainda a dúvida.*

*E sobre os meus cantos
os meus sonhos
os meus olhos
os meus gritos
sobre o meu mundo isolado
o tempo parado.*

*Ainda o meu espírito
ainda o quissange
a marimba
a viola
o saxofone
ainda os meus ritmos de ritual orgíaco.*

*Ainda a minha vida
oferecida à Vida
ainda o meu desejo
ainda o meu sonho
o meu grito
o meu braço
a sustentar o meu Querer.*

*E nas sanzalas
nas casas
nos subúrbios das cidades
para lá das linhas
nos recantos escuros das casas ricas
onde os negros murmuram: ainda*

*O meu Desejo
transformado em força
inspirando as consciências desesperadas.*

FOGO E RITMO

*Sons de grilhetas nas estradas
cantos de pássaros
sob a verdura húmida das florestas
frescura na sinfonia adocicada
dos coqueirais
fogo
fogo no capim
fogo sobre o quente das chapas do Cayatte.*

*Caminhos largos
cheios de gente cheios de gente
cheios de gente
em êxodo de toda a parte
caminhos largos para os horizontes fechados
mas caminhos
caminhos abertos por cima
da impossibilidade dos braços.*

*Fogueiras
dança
 tantam
 ritmo*

*Ritmo na luz
ritmo na cor
ritmo no som
ritmo no movimento
ritmo nas gretas sangrentas dos pés descalços
ritmo nas unhas descarnadas
Mas ritmo
ritmo.
Ó vozes dolorosas de África!*

Kana ngandala oixiami

por Pascoal Luís Lussusi

*ingulungumba eza ku diviadami
adiota ku kidingu
kana ngandala oixiami*

*ingulungumba anu o-menha a-di sanga
atexi o kisangua
kana ngandala oixiami*

*ingulungumba a-kuika vavó Zenze
akatula o-kabasu Antonica o-kilumba
kana ngandala oixiami*

*ingulungumba ala ku lungu
ala kulungu
kana ngandala oixiami*

*ingulungumba anduia
anduia
kana ngandala oixiami*

ingulungumba denu

Acerca de "A Lusofonia em África e no Oriente" ou da dignidade do Kimbundu como língua literária

por João-Maria Vilanova

Em artigo recentemente vindo a lume no suplemento literário do jornal "A Província de Angola" — mais precisamente, em 16-10-74 — artigo a que deu o título de, "A Lusofonia em África e no Oriente", tece o poeta e ensaísta Mário António algumas considerações, com as quais não estamos de acordo e achamos por bem rebater, pese, embora, à tradicional clareza de exposição e à unidade de linha discursiva do autor de "Xingufo".

Assim, além de o poema em vernáculo, da autoria de Mário Pinto de Andrade, inserto na "Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa" (recolha, aliás, dada à estampa em 1958, releve-se o lapso de datas da parte de M. A.) haver obedecido ao escopo de uma maior autenticidade no drama, relativamente ao trabalho escravo em S. Tomé, pretendeu ele ainda ser exemplo de sinestesia auditiva relativamente a língua durante séculos relegada para o limbo das coisas marginais (falar tribal, linguajar tribalista, que sei eu?). Quanto a Viriato, acabou, como sabemos, revendo a inicial posição sua para com ela — não já para com o português dialectizado, a que jamais pôs reservas e em que trabalhou e bem. Mas o problema da utilização do kimbundu (também grafado, *tximbundu*, *tyimbundu*), como língua literária, pôs-se sempre, em Angola, pode dizer-se, em termos não arredados quer de bilinguismo quer do estudo das tradições populares quer de uma cuidada programação escolar, assente em ampla e necessária alfabetização. (1) Assim pareceram entendê-lo, escorados na voz autorizada de Chatelain, intelectuais de diversa extracção como, Cordeiro da Matta, (2) José Fontes Pereira, Silvério Ferreira, Assis Júnior, entre os verdadeiros "filhos do País", (3) entendimento aliás, a que se mostrou sensível, anos mais tarde, um probo jornalista e historiador radicado entre nós e que deu pelo nome de Júlio de Castro Lopo.

Donde que por um lado e em nossa opinião, nunca verdadeiramente tivesse ocorrido — pelo menos da parte da elite angolense

mais esclarecida e já ciente das dificuldades a vencer — a propugnação ou reclamação de uma pura exclusividade linguística centrada no kimbundu; e, por outro, mediante a tal alfabetização e cuidada programação, sempre seria de esperar um aumento progressivo dos leitores, quando não, re-criadores, do kimbundu literário.

Não vemos mesmo em como o acrescentar-se uma língua de "cultura" a outra de "civilização" (necessariamente que as técnicas e todo o arsenal filosófico de ordem sócio-política necessitam correspondências) pudesse constituir um óbice ou assumir foros de inviabilidade prática em termos de literatura quando, em certos casos, é bem de ver, o recurso ao kimbundu, para alguns dos amantes das letras do interior (e não só, (4) acentue-se), fosse antes a expressão do vívido, do visceral, do autêntico, em suas áreas culturais. Ou não será assim? Ou não se legitimará aqui o tal "orgulho novo", próprio de países em busca (ou em vias) de consolidar a sua identidade cultural que, as palavras de Américo Castro, melhor que nenhuma outras, traduzem: o "consciente de sê-lo"?

(1) O tema da alfabetização seria, aliás, oportuna e corajosamente retomado pelos jovens de "Mensagem", tal como o recorda M. A., no artigo a que ora nos reportamos.

(2) Sem embargo da "urgência no afirmar" e equacionar saudavelmente questões como a ora posta, não procurou o autor de "Philosophia Popular em Provérbios Angolenses" verter para o kimbundu — língua de "nossos avoengos" que desejava ver reabilitada do "desdém" e considerava "susceptível de metrificação, cadência e ritmo" — alguns poetas portugueses, versão a que não foi alheio, como bem sabe M. A., o intento paralelístico?

(3) Óscar Ribas também.

(4) Senghor, por exemplo, escreve tanto em francês como em sérère, sua língua materna.

4 poemas de **JORGE MACEDO**

ilhas de ronda

*deixámos muhambas
jóias makutas deixámos
nos olhos da ronda secretas sombras*

*atravessámos sem ferir a água
se ferimos
não pudémos tocar mais leve
o som de existir*

*engolimos tosses
domesticámos gritos
enfeitiçámos os cães
pra não ladrarem*

*toquem tam-tams
desde o talamungongo
até na hongá*

*vos trazemos o sol
na ponta da coragem*

nós fomos

*nos ausentaram da palavra feriram nossa muxima
desmumbundaram nossas dibanzas
voz nossa desabitada
no código da alienação*

*e no rosa do tal mapa-rosa
kissunji geográfico
nós fomos*

Poema de papumukar

*Quem mais que tá andar à toa
sem onde?*

Quem?

*Quem mais que tá subir mulonde
nome dele deixando
na boca do kissonde?*

Quem?

*Quem mais que tá falar a fala
do kingulungumba?*

Quem?

*Quem mais que tá no sono
o brilho da enxada
sua terra esperando?*

Quem?

vestiremos

*com kimenemene perfume de libertação
longe-perto
nossa hora
vermelho
de sangue mártir*

*vestiremos nosso muxitu vestiremos sol
fumando makanhas de impaciência
talamungongo na kinjila mastigando revoltas
promontório
vulcão
em malambas que fingimos no avesso de nossos risos
sem riso*

*vestiremos nossos rostos desalienados
vestiremos*

NOME AQUELE MUSSEQUE

Conto de Aristides Van-Dúnem

Antigamente, no lugar donde que parámos, uma mulembeira takula havia, grande. Como muitos paus espalhados no musseque à toa, progresso não lhes poupou. Varreu tudo: muxixeiro, imbondeiro, cajueiro, mafumeira. Tudo, tudo foi varrido. Não ficou nada. Até a mafumeira grande da lagoa Kinaxixi, os homens não tiveram medo nenhum, cortaram mesmo e no lugar dela puseram aquele prédio muito alto. Um dia, hum, vão ver só. Vai cair. Lagoa tem kianda.

Essa manhã, acordei bem mesmo. Fazia uma semana eu estava já na Samba. Combinámos tomar o banho no mar. Eu tinha prendido nadar e queria mais uma vez dar dessas fimbrias me ensinaram da véspera: pessoa ao sair n'água fica parece fez caviandongo. Mas não. Logo logo com de manhã, tia Dominga disse assim vai levar vavó Xico.

Era novioras quando que saímos. Eu estava triste, tudo estava me correr mal: não fui na praia. Eu gostava passar nas barrocas da Maianga, ver-lhe a malta correr atrás nos pássaros, nas kissassas, dar os mergulho na areia branca igual na do Bungo. Mas velho Xico não podia e fomos pela Samba Pequena, passamos a Mutamba e quando que chegamos até no musseque o sol já estava, hela, em cima nas nossas cabeças.

O velho queria uma sombra. Estava muito quente, estava muito quente mesmo, um sol de rachar, lembro como é hoje. As chuvas, já era no tempo das chuvas, mas demoravam e ninguém que aguentava mais esse calor, poças.

Então, apoiado na bengala, o velho andou pra debaixo na casa em construção. Eu fui com ele. Estava mesmo quente, sentia nos meus pés de mona.

— Haka! — disse. Depois tirou no lenço e limpou no suor da testa. Eu limpei meu suor na ponta da camisa.

— Mabunda! — me chamou. E apontou no tijolo, donde que sentei.

O velho olhou no edificio na nossa frente e levantou sua cabeça devagarinho. Parecia está contar nos andares. Tinha doze. Disse eu estava certo, porquê eu passava ali muitas vezes.

Quando o velho levantou novamente e andou, o sol já não está queimar mais, meio-dia ia longe. Ao pé no prédio em frente, ele parou mais uma vez. Eu não tinha visto, continuei andar, e só depois estaquei. O velho batia sua bengala na pedra e olhava pra cima. Parecia pessoa importante, com a saca no braço, cachimbo na mão esquerda e na outra a bengala da sua miséria, olhando como olhava. Ele me dava ar de contar outra vez nos andares do prédio. Poças. Eram doze. Então voltei. Quando que me viu, perguntou:

— Você tás ver ali? e apontava essa bengala nos prédios alinhados na nossa frente que acompanhavam na rua. — Sim! tou ver. — Respondi.

— Han! então tás ver mesmo num é?... — Parecia querer perguntar alguma coisa, mas não!... — Então vou to dizer — continuei — mas você num pões conversa com ninguém. Você num deve olhar só. Quando avó de teu pai morreu, tua tia Isabel ainda era assim monandengue. Isso tudo você tás ver é teu. — O velho indicava o dedo no bairro todo. Eu sorri. Para mim essa era uma história igual nas muitas histórias eu ouvia contar desde tempo garoto. Esse musseque tinha sim o nome da minha família, eu sabia nisso há muito, mas es-

sa hora eu perguntava: porquê que falam assim tanto nessa nossa tia Zenze quase ninguém entre seus familiares vivos lhe conheceu?

Certo dia, estávamos no quintal sunguilando, meu irmão Kaloji se virou pra mim e disse: Mabunda! vou procurar uma coisa no mais velho! — na tua conta — respondi.

— Ti António! Esses terreno, é verdade, são nossos? — Pra mim a pergunta calhou mesmo. Meu tio atrapalhou, respondeu: sim! mas porquê? — Porquê? porque nosso nome é o mesmo do musseque.

Com a mão no queixo, tio António olhou para nós e abanou na sua cabeça. Depois disse: isso é já de muito longe, de muito tempo, d'antigamente mesmo. Desde ali naquela rua até nas piteiras e desde ali, ali também, tudo é nosso. Teu avô N'Gambaxi quando que morreu disse ninguém vai vender isso. Naquele tempo, esse lugar era tudo mato. Lá embaixo, começaram partir casas de pau-a-pique, pra pôr casas de tijolo, abrir ruas, pôr jardim. O povo começou subir nos morros, pôr casa aqui, casa acolá e ficou tudo cheio. Onde que havia só capim, kissassa com muito maboque, muxixeiro, o trabalho d'agente começou trazer as pessoas. Mas agora, temos sair outra vez, ir noutra lugar.

— E depois? — perguntei, pra apañhar toda verdade.

— Tio António pôs muxoxo. Não tinha vontade. Sua máscara é pau de kibaba. Mas esse facto, eu sei, abateu desde data muito antiga as pessoas da minha família.

— E depois? — insistimos.

— Uma vez, nosso primo andou no gimbonde e na família começou morrer uma porção de quantidade de pessoas. Tua tia precisou dinheiro para l'arranjar. Era só dois conto de réis. E quem que tinha esse kitari? quem? sô Manuel Silva, já falecido. Dinheiro, ele diz, é muito. Antão pediu um documento pra receber as rendas desses terreno todos. Só as rendas! e tua tia aceitou. Antão foram no tabelião. Aí dão os livros, o papel azul, e agente se quer assinar assina ou põe dedo com tinta, se não sabe leva a testemunha com ele; e depois, agente aceita tudo, já não pode fazer nada. A tia, não sabia ler, levou testemunha; foram elas!... — e foi assim!

— Mas foi assim quê? como?... — perguntavam os rapazes em coro. Eu começava compreender.

— Foi assim! — Essa frase, dita secamente, tinha dureza do porrinho; do maboque rijo na testa. Enevoava a consciência de todos.

Hoje, passando por esse lugar onde que já não moro faz mais duas dezenas de anos, olhando nos prédios altos, lembro bem nas histórias que ouvia contar quando era moço; nome aquele musseque, sukuama, é meu nome mesmo.

Amanhecer na Katumbela

ARNALDO SANTOS

*Kukiou o dia
no canto de um passarinho de muxitu
Ouvi
E sem depressa
como quem sonha inda*

*vi
no Katumbela rio-sacarino
minha mangonha
canoa nas águas lentas*

*A sensação
do nenhum tempo
Estar*

*E olhei a planície o vale
lugar onde o canavial é dono
é posse
o seu silêncio
coisas homens
numa canção de abandono*

*E não ouvi demais
que o canto da madrugada
tinha a voz murmúrio de kaxexe*

*Apenas e
lentamente
renascia em mim um novo sono*

*Então com de repente
despertei*

ETAPAS DA NEGRITUDE

- 1804 — Levantamento nacional negro-mestiço, no Haiti, encabeçado por Toussaint-Louverture.
- 1805 — Publicação do livro, "Âmes Noirs", de Du Bois, pai teórico da Negritude.
- 1906 — " Movimento Niagara ", lançado por Du Bois.
- 1909 — " Associação Para o Progresso das Gentes de Cor " — NAACP, de que Du Bois é eleito um dos dirigentes.
- 1918 — Renascença Negro-Americana de Harlem, de que fazem parte Langston Hughes, Countee Cullens, Sterling Brown, James Johnson, Claude Mac Kay e Jean Toomer.
- 1919 — Du Bois, que entretanto secretariara o o 1.º Congresso Pan-Africano, organizado em Londres pelo jurista Henry William, passa a dirigir o movimento que lhe está na base.
- 1927 — Lançamento, no Haiti, de " La Revue Indigène ", de que fazem parte, Marcelin, Émile Roumer, Mornil Sylvain, Jacques Roumain, António Vieux, Daniel Heurtelou, Jean Price — Mars, a qual preconiza o descobrimento dos valores culturais, do passado e das tradições populares haitianas.
- 1929 — " Movimento do Negrismo Cubano ", a que pertencem Emílio Balagas, Fernando Ortiz, José Zacarias Tallet, Ramón Girao, Alejo Carpentier e Nicolàs Guillén.
- 1932 — Manifesto de " Légitime Défense " — revista fundada em Paris pelos martinicanos, Étienne Léroc, René Menil e Jules Monnerot.
- 1934 — " L'Étudiant Noir " — jornal fundado em Paris pelos haitianos, Aimé Césaire e Leonard Sainville, pelo guianês, Léon Gontran Damas e pelos senegaleses, Birago Diop, Ousmane Soce e Léopold Senghor e que preconiza o regresso às fontes africanas.
- 1939 — Publicação de " Cahier d'un retour au pays natal ", de Aimé Césaire.
- 1942 — Publicação de " Iha de Nome Santo ", de Francisco José Tenreiro.
- 1945 — Publicação de " Chants d' Ombres ", de Léopold Senghor.
- 1947 — Lançamento em Paris e Dakar, do primeiro número de " Présence Africaine ", guardiã da Negritude.
- 1948 — Publicação de " Hosties Noirs " e " Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache ", de Léopold Senghor.
- 1953 — Publicação de " Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa ", por M. Pinto de Andrade e F. José Tenreiro.
- 1958 — Publicação, em Paris, da " Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa ", por M. Pinto de Andrade.

(1) Mais do que auto-afirmação a Negritude significou um programa. Uma tomada de consciência. Uma lufada de solidariedade. Uma proposta de compreensão do Universo. Por isso, em nome do que foi e continua sendo o movimento, a que todos vemos um pouco, há que purgá-lo, dinâmica e permanentemente, das novas alienações, designadamente, a essencialidade racial, o narcisismo esteticista, o regionalismo estreito e mal orientado, o pacifismo desvirilizado e desvitalizado ante certo fascismo negro de feição neo-colonial, os quais intentam esvaziar o conceito de seu conteúdo dialéctico e progressista. Este, o melhor serviço que nós, os de « Ngoma », lhe poderemos prestar, com a certeza de que o fazemos à literatura de Angola.

J. M. V.

Cena III

Miguel junta-se aos companheiros de batota. Uns jogam inquir-rola, (2) outros trumunam (3), pulam e dançam.

Primeiro — Hoje vou mesmo bumar (4) no porto...

Segundo — Eh, meu! você não tens o juízo, ou quê? ... Não sabes no porto só podem salar (5) os kandengues (6) kambonzus (7) dos kaingas (8)?...

Terceiro — Também já ouvi falar os kaingas é que estão mandar... Mas inda ontem andei lá e ninguém que me consumiu...

Segundo — Xê, meu, estás só confiado ou quê!? ... Não sabes hoje vão vir dois barcos e mais com um navio mericano!?... E era aquele Ngone que te deixava lá ficar por tua conta, num dia de grande fêzeda? ... Ngone é bandi! Não tem irmão não tem parente, não tem nada. Vida dele é só mesmo o dinheiro!...

Primeiro — Mesmo assim vou aprumar!

Quarto (dirigindo-se ao segundo) — Mas eu posso consumir o gajo; lhe ilimino no kumbú (9)...

Segundo — Você és salaiko, (10) ou quê? .. Aquele gajo é muito ngone. E manda xiri (11)... O Zito uma vez lhe queria consumir, ele abriu os olhos, deu-lhe tanto kibetu que o Zito nem mais nem quê vomitou verdade toda...

Quarto — Nossa malta mesmo nos juntávamos e rebentávamos as fuças o gajo! Ele podia

então bilar (12)?...

Segundo — Então que as nossas casas viravam cinzas! Já não lembras como foi no Kazenga 72? Ngone tem a coragem do diavu. Se pega na gasolina, acende o fósforo...

Terceiro — Assim, estamos mal! Mas falo minha verdade: nenhum kandenge que devia dar o lucro nos ngones. Tinta é nossa, nilina nos custa gente, tudo sai nosso suor, nós é que bumbamos em az e o gajo, um emboxeiro, abarbata-se no kumbú, sem nada fazer...

Segundo — Toda parte na Luanda é assim ... Eu já escalei tudo isso no dia que fiz kariengue que chega pra orientar minha vida... Os gajos são lixados, meu! ... Se armas em vívido, ih, te levam kuzum... Falam logo porque você és vadio, és ladrão, és rosqueiro...

Quinto (aconselhando) — Não procuras só o azar, meu! se estás só teimoso melhor é ires falar no Ngone. Se não, vão só te invadir...

Segundo (preocupado) — Eles têm um monte de força, pópilas. É mesmo verdade. São tanto como os kaingas... Força deles é mais grande a dos kaingas!...

Primeiro — Jura!...

Segundo — Então, xê! já não lembras esse dia na lha!...

Me encostei só num carro, um pula que estava no bar, me deu um monte de conta-pés... Até fiquei mudo. E me disparatou bué (13). O gajo ficou limão. Um kilama porreiro que escalou tudo, veio e disse assim "Você estás a bater no rapaz porque ele não é da tua igualha"? Vocês estão compreender então? "Não está certo"! Disse o kilama. O gajo bravou. Xingou no

kilama e ainda por cima deu-lhe porrada. O kilama me defendeu em az mas os amigos dele, mesmo quando o Ngone lhe começou tundar, ficaram só mesmo escalar...

Quinto — Os kaingas estão confiados... E topaste no kilama que te defendeu?...

Segundo — É um alto, não muito alto, bangão que chega... Parece nome dele de mona é Carlinhos. Ouvi na mulher dele lhe chamar assim, quando que o kainga estava outra vez virar limão... Mas vejam só! É verdade os mais velhos costumam falar dois homens é dois corações diferentes? O kainga então é da terra do kilama!...

Terceiro — Eu queria é conhecer o Ngone!

Segundo — Ngone não interessa mais. Vamos mas é procurar o kilama. É nosso... Ngone tem vez dele. Espera lá bumbar está.

Miguel (recolhendo o resultado do jogo) — Hora de bumbar está passar. Vamos mas é m'bora, meu!

(fim da cena III)

Glossário :

- (1) Ngone — Vigarista, golpista, mau
- (2) Isquirrola — batota com moedas
- (3) Trumunar — jogar a bola
- (4) Bumbar — trabalhar
- (5) Salar — trabalhar
- (6) kandengue — miúdo pequeno
- (7) kambonzu — o do expediente
- (8) kainga — guarda
- (9) kumbú — dinheiro
- (10) Salaiko — maluco
- (11) Xiri — azar
- (12) Bilar — lutar
- (13) Bué — muito

7 Poemas de

JOÃO-MARIA VILANOVA

s. nicolau

*agora sim nos vão recuperar
aiué enfim nos vão recuperar
chicote na mão nos vão recuperar
daschau no chão nos vão recuperar
jinguba em grão nos vão recuperar
chuva trovão nos vão recuperar
arame é pão nos vão recuperar
lima & limão nos vão recuperar
carne é carvão nos vão recuperar
fogacho então nos vão recuperar
agora sim nos vão recuperar
agora sim nos vão recuperar
agora sim nos vão recuperar*

KASSANJI

*Flor
que na lavra
alastra
e lesta
no kimbo adestra
sua palma
acesa*

*Flor
furor
Serena
a calma
no arimbo*

N A P A L M

CIVILIZAÇÃO

*Eles desembarcaram
suas cruzes
turíbulos
instrumentos de medição
nos ventos*

*E vindo
e vendo
(é frequente)
que caça & pesca rareavam
entre nuvens de incenso
vozes
luzes*

*desataram nos caçar
piedosamente*

das armas

*o crepitar das armas
o crepitar
das armas na sombra
o crepitar
o crepitar na sombra
o crepitar
na sombra das armas
o crepitar*

Kitangana ia Kuzunga

Da xana um homem
no chão do arimbo
Da kixima bebe
na kixima

Homem esse quem
cuja pele
irmã da noite
proscrito é sem história

Minha avó do Songo
minha avó do Songo
Porém
só xinguilando

Então
embaixo na mulembeira velha
Xima ela me fala
" kandengue o guerrilheiro vela no quando
dorme "

Daí
não mais
não mais João Maria
parou de velar

Meu Coração

Habita na Kilemba

Os passos de novo me trazendo
donde que o sal do exílio me chamou

Minha irmã minha irmã
na tonga te busquei inutilmente

A sexa interroguei e a serpente
na hongá koxilando sob a folha da mubanga

Na lagoa às Kitutas procurei
e Nâmbua dei-lhe encontro a caçadora

E quando de teu óbito me contavam
já a tarde tombara em Tunda-a-M'Bulu

Minha irmã minha irmã
nossa casa de adobe é preciso levantar

Kibixila Kutululuka

MBaxi MBaxi
quando que das armas o fogo calar
(o fogo sembandando sembas ao redor das
massuicas)

e na paz nossa paz renascida
nas braços mais estreitos da takula
Kanzumbis tal se um povo trarão
sobre o Kwanza
subindo os passos subindo entre o kizônji
esparsas
suas conversas

Mbaxi irmão meu
Ngana Kimalauezu
é preciso
avisar

Cara limpa pois
cara limpa
Kimalauezu
MBaxi
há-de vir

INGOMBOTA

por José Luandino Vieira

.....

E como civilização de urbanismo não adiantava lá, paus de tambarinos e gajajas muitos cresciam só, ensombream amareladas areias, viravam xaxualho lento e fresco nos dias, às noites sombras de árvores de feiticeiros. Cemiteriozinho de luzes d'azeite-palma, hienas que andavam, em estórias e cenas de seus moradores e caluniadores, de noite, rindo choros nas portas das casas e era preciso chapéu em ponta de cacete para sair na casa leia do vizinho, nas horas de andar feiticeiro bungulador só. Negrura da noite e noites de missossos não gostavam fresco singular. Horas cedo de lua cheia, cadavez saía reunião de quintal, bem defendido no seu carbureto ardendo, com turmas no treino de quizomba carnaval.

Ora estando Ingombota assim em seu resfolheado silêncio e piscar das muitas estrelas do céu vem dona Mariana na janela com suas pequenas mamas desabotoadas. E luz de candieiro de petróleo lhe desenhava num fundo cor de dendém onde que sua pele virava ainda arco-íris, nascia luz-de-santinho em sua cabeça destapada. Distraída acariciava suas mamas e nem isso que era ainda luz de pecado, só mesmo fruta da vida, fundo de quadro igual da madrugada natureza cacimbosa nas antigas telas dos pintores das europas. Toda ela suspirante Manana mirava no céu furado de estrelas e nebulosas, estrela ela mesmo abandonada em sua janela. Vinha o vento e assobiava, cambulador. Traçava seus caminhos de muitas curvas, saía levar embora sabores e gemeres em outros lugares.

(excerto de V. E.)

3 poemas de JOFRE ROCHA

biografia

*no morno do cuspo
no aço das pernas
no ritmo do olhar*

*no ouvido desperto
no sangue intranquilo
na sede de justiça*

*eu te reconheço
irmão combatente*

hora verde

*enfim despidas
nossas couraças de medo
com o rastilho das frustrações
um incêndio de esperança
atearemos*

*então dignos da morte
dignos da vida*

independência

*e agora
que venham ventos
de norte a sul*

*aguardaremos a flor primeira
que há-de eclodir no amanhecer*

MAHEZU NGANA

(Cena)

por Jorge Macedo

Noite no céu da boca, madrugada nos messo, cada uma das mais velhas, tia Xica mana Brígia, dão encontro da primeira muanha, curva de ir no Xafariz :

— Mahezu, Ngana !

— Mahezu, Ngana !

Voz afiada no hoje sua vez jimbulante tia Xica :

— Ontem quando que saí na kitan-da, mana, hela, nem que deixei mais cabar o sol. Peito, piscoço, xingu, mbunda, temanana, voz está me tremer na sezão. As criança quando que me viram tremer assim, fizeram a cama com depressa, me bombearam dormir, disseram assim melhor vavó é de passar no sono pra tomar o sossego. No sono donde que fui, Tinita tava brincar muito bem, logologo vi na mesa papelão branco, muitas vela aceso, anjos e anjo... Uah!, Mana, mau sinal!

Fui na lavra do milho, mano no seu fato brimbranco, olho parece muhongu começa me perseguir eu lhe fugir, quando que ia me garrar eu disse então, mano, você já morreste. não é mau assim garrar na mulher do outro ?!... Papumukei, acindi candeeiro, triste, mana, não sei mais quem que na família vai ir...

Sonhei muitos sonho. Cabeça febre a ferver é muínto, fui tirar kimbuma assim mesmo no frio, em casa não tem ninguém, estava escuro pra mandar um kandengue sòzinho. Saí no vento a cohonar parecia era onça no peito. No quintal não passa noite gatos venham todos chorar como são as pessoa. Arrumei-lhes pedra, se morream era melhor. Mas gatos não são fiticero que estão me perseguir não sei talvez, talvez, esse cajuero que tem ano não dá cájú. Se querem minha vida, minha mãe me chorou sòzinha, não me ficou dever ninguém. No sonho sereia veio me pedir mesa mas eu já dei, talvez foi pouco, por isso agora os jingongo andam triste, corpos dele mole, não comem bem,

não riem. Hoje mesmo vou na loja sô Manuele pôr vale pra receber o pão, o açúcar, a farinha, o vinho pra dar na mesa. Se a sereia continua me pedir vou no pai da mintira às vezes pode ser outras cuesa da terra, quem que sabe.

Tia Brígia continua sua atenção atenta no Mahezu da outra.

— Uah ! Noutro sonho vizinhas que trouxeram lenha, pano, comida e esse sinal não sei mais se é komba o ditókua se é nascer, eu já então nos meus setenta, filho vou dar como ? Vida gosta caçoar nas pessoa, hela... Vizinhas que chegaram não bondiaram, ajoelharam só, puseram as cuesa no quintal, não varreram, não sentaram, vieram, foram, sem a palavra na boca delas. Katé Donana que não tá falar mais pra mim esta hora veio também.

Nas lavra donde que fui areia era era kissonde e kissonde meus pé não está me morder não... Depois os sapo ia com saco jinguna deles nas costa, começavam me falar, aiué, me perguntaram quê meu destino. Eu com pena eles sofrerem muínto caminho longe que tão andar lhes pus na kinda! Se desapareceram, caíram, não sei mais lembrar.

Nos sonho que sonhei vi muíntas cuesa mais que nunca vi. Vi sol, vi chuva, vi bichos falar, goiaveira que hoje plantaram hoje mesmo nasceu, cresceu, deu folha e goiava. Vi pessoas, vi fiticeros.

Se é sorte se é azar, pronto, mana, não sei mais.

Do Totemismo na Cultura Negro-Africana

Mateus Wilson Tetembua

" Nenhum outro aspecto da cultura africana foi tão insuficientemente compreendido e tão mal interpretado quanto a religião. Não é preciso ir muito longe para descobrir o motivo. Basta dizer que é esse um elemento concomitante na agressão empreendida pela Europa à cultura africana.

Tal ignorância e incompreensão, largamente difundidas aliás, estão consubstanciadas nas palavras de um hino muito conhecido: " os pagãos, em sua cegueira, prostram-se diante do pau e da pedra ".

Marcus James, in " *Présence Africaine*", número especial (24-25), 1959, p. p. 185.

Antes de entrarmos propriamente no tema que nos propomos abordar, é útil algumas ideias prévias acerca da religião africana em geral:

a) — A religião africana prende-se com a felicidade terrena;

b) — Há uma relação muito estreita entre os vivos e os mortos, com base na crença na chamada " força vital " ou " dinamismo psíquico ", presente em todos os elementos da Natureza, seja animal, vegetal ou mineral;

c) — rito, magia, lenda e mito estão interligados, na mente do africano;

d) — sagrado e profano interpenetram-se.

Uma das áreas de investigação que mais têm dividido os etnógrafos a nível do nosso continente (e não só) é, sem dúvida alguma, a do totemismo. Serão os povos africanos totémicos? Esta a pergunta que se põe e a que Maurice Delafosse, Lévi-Strauss, Thomas, Frazer, Hartland, Besson, Dieterlend, Gennep, entre outros, dão respostas diversas.

Designa-se por totemismo a crença, por parte dos elementos de determinado clã — ou de um indivíduo isoladamente — de que ele descende ou detém parentesco com certo animal, planta, curso de água, corpo celeste, fenómeno natural ou lugar (tótem). O totemismo é assim uma verdadeira organização social, um sistema (emblemático), um laço fraterno ou pacto familiar, mais lato e forte no entanto que o do sangue (Frazer).

O clã que se considere sob protecção do respectivo tótem (" clan totem ", segundo a expressão de Frazer) deve-lhe culto, comparável ao culto dos antepassados, sendo particularmente grato àquele e, condição necessária da obtenção de seu apoio e propiciação em todos os actos de vida, as oblações, as manifestações de respeito, as festas solenes, os rituais e sacrifícios.

O totemismo liga-se, deste modo, também, à metempsicose: crença de que o espírito do defunto encarnará em determinado animal, planta, colina, rochedo, riacho, cascata, caverna, elementos esses que ficarão, daí por diante, como que interditos para os membros do clã, constituindo *tabu* — palavra polinésica que significa proibição. O desrespeito ou violação de um *tabu*, por parte de um membro do clã, pode acarretar para este castigos vários, que vão desde a doença à morte.

No nosso continente existem crenças de raiz totémica, por exemplo, entre os *mandingas* do Sudão, entre os *massai*, os *ashanti*, os *ewe*, os *fulbe*, os *bangala*, os *baluba*, como sejam, quanto aos primeiros, as de caçar ou comer determinado animal: o caimão, o cão, respectivamente. Qualquer intervenção propícia de certo animal pode transformá-lo em tótem. É o chamado totemismo de " reconhecimento pelos serviços recebidos ". Nos *ganda*, *gogo*, *taveta* o *tabu* só diz respeito a uma parte do animal caçado. Entre os *bambara* ocupa especial relevo o culto de certas e determinadas espécies vegetais, tanto quanto é objecto de culto o imbondeiro entre os *sérère*. Os *mas-*

sai, profbem a morte de determinadas serpentes que, incarnam, segundo a crença, o espírito dos mortos. Os *hotentotes* cultuam os rochedos e o louva-a-deus ; tal como os *boximanes*.

Há quem veja reminiscências totêmicas, (1) em Angola, nos povos da Lunda—kio-kos, lundas, luenas—as quais se traduziriam na existência de animais *tabu* (o lagarto *txikua-txa mukala*, a cobra *uhaueji*, por exemplo), em certas mutilações étnicas (tatuagem, lima-gem de dentes, perfuração nasal), em certos passos rituais do mukixi na dança, como nas relações entre sogra e genro, no modo de utilização da " pemba ", no respeito funerário pelo cão, no enterramento do corpo da onça, após esta esfolada.

Mas apresentam ainda e quanto a nós evidentes traços totêmicos os povos da família dos *bakongo*, dos *bushongo*.

Hartland (2) afirma, seguramente, serem os *bantu* totemistas. Do mesmo modo o externam Buschan (3) e Nina Rodrigues (4).

A terminar, diga-se que, o totémismo, é apenas um, dos vários elementos que integram a rica e complexa religião africana, criação cultural de um povo cuja imaginação não pára e se tem revelado, afinal, ao longo dos tempos, mais capaz de espiritualidade que a tão apregoada dos seus colonizadores europeus (" missão ", " destino histórico " !...).

Novo aspecto da religião africana intentaremos nós abordar em próximo número desta revista. TUKALE NI MUENHU NI SAUIDI, JIPANGUÉ (haja vida e saúde, irmãos).

(1) M. Lima, in M. Adm., n.º 149 a 154. p. p. 72 e n.º 107 a 109, p. p. 15.

(2) " Totemism ", in " Encyclopedie of religion and ethics ", p. p. 398.

(3) " Illustrierte Volkerkunde, " I, Afrika, p. p. 556 e segs.

(4) " Os africanos no Brasil ", p. p. 334.

BIBLIOGRAFIA :

- FRAZER, James — " The Totemism "
- FREUD, Sigismund—" Totemisme et Tabou "
- FRAZER, James — " Totemism and Exogamy "
- BESSION, M. — " El Totemisme "
- GOETZ, Joseph — " Les Religions des Primitifs "
- DAMAN, E.—" Les Regions de L'Afrique "
- BAUMANN, H. e Westermann, D. — " Les Peuples et les Civilizations de l'Afrique "
- JUNOD, H. — " Moeurs et Coutumes des Bantous "
- DIETERLEN, G. — " Essai sur la Religion Bambara "
- GENNEP, Van — " L'état actuel du problème totémique "
- HARTLAND — " Totemism ", in " Encyclopedie of religion and ethics "
- DELAFOSSE, M. — " Les civilisations négro-africaines "

NOTAS DE CRÍTICA

Komaxin kuku kudilele kima

(*compadre aqui não conta*)

Amaro Monteiro

O CORONEL SARDÓNIA (contos)

Edição especial de A Tribuna, L. Marques, 70

Amaro Monteiro, que se estreara em 1961 com um livro de poemas, "Vozes no Muro", procura dar-nos neste seu livro de contos um friso sectorial da burguesia africana de Luanda de algumas décadas atrás, com seus pergaminhos (de sangue ou de mando...), seus anseios, suas frustrações, no pano de fundo da saudosa Ingombota, onde o autor viveu até à idade adulta. Peca porém, A. M., no amanho da ironia, em que lhe falece, contrariamente à do criador de "Dom Casmurro", por exemplo, calor humano, ainda quando escarpelizando este as contradições da sociedade brasileira da época. Claudica, ainda, A. M., na formulação e no ritmo africanos, os quais não soube apreender devidamente, pese embora à verdade com que surpreende e desenha figuras como Dona Marina, o Coronel e Joana Maluca-autêntica legenda trágica da cidade do asfalto. Não obstante, virtudes de prosador a assinalar.

M. W. T.

João Abel

BOM DIA (poesia)

Edição do autor, Luanda, 1971

Se a poesia deve, a seu tempo, por reflexo que seja, a viva impoção no tempo da face alienada dos homens-atraves da face social do poeta, por onde se lhe peça afinal a autenticidade maior-dir-se-ia então que, João Abel, poeta urbano, pretende sua poesia arre-dada do drama dessa mesma face. De costas voltadas. Em atitude descomprometida(...), donde que aquilo que já fosse amostragem em "Bom Dia" (1) se tornasse patente em "Nome de Mulher".

A poesia de "Bom Dia", nem sempre formalmente cuidada, padecendo de frequentes quebras de fôlego e socorrendo-se duma exaurida e por vezes mal digerida imagética surreal ("Mitopoema", "Pegue-se Num Relâmpago") além de pouco enraizada, desobriga-se, a bem dizer, dos grandes problemas da sua ter-

ra, confinando-se em um discurso poético frouxo, desgarrado, sem dimensão, perdido que está, aqui e ali, gratuitamente, em pitorescos de realidade (2), o que contraria anteriores e já demonstradas potencialidades do poeta: João Abel figura na recolha antológica da C. E. I. de 1962 e mostra-se bem capaz de outro tipo de poesia, seja a de "Kiene Muene" seja a de "Negro João" (antologado), a pedir no entanto certa oficina. Saliente-se, contudo, na recolha em exame, os poemas "Bom Dia" e "Protopoema do Tchibaba".

(1) Pois é-vas-te rindo-encolhendo os ombros-fugindo-como se da miséria de uma noite mal dormida-não brotasse um dia-cheio de vida (*poema-fecho, valendo como autêntica auto-crítica, em nosso entender*).

(2) A lembrar certa fase de Cochat, poeta com quem, aliás, tem afinidades.

J. K.

Manuel Rui

REGRESSO ADIADO (contos)

Plátano Editora, Lisboa, 1973

A galeria do conto angolano, em que, a par do valioso esteio narrativo tradicional se inscrevem, como da autores mais representativos, os nomes de Soromenho, Luandino, Arnaldo Santos e Benúdia — a ordem, aqui, não é arbitrária — e onde começam a afirmar-se, talentosamente, Jorge Macedo, Aristides Van-Dúnem, Jofre Rocha e Amaro Monteiro, mostra-se, desta feita, enriquecida com um novo contista: Manuel Rui, autor de "Regresso Adiado". Recolha não totalmente lograda (vide, designadamente os contos, "O Aquário" e "O Churasco") demonstra no entanto possuir Manuel Rui equilíbrio de estrutura narrativa, sentido de observação, maleabilidade na ironia, ajustada análise de situações, servido por uma linguagem que buscando ainda sua melhor identidade se afirma todavia tensa e desataviada. Bom será que, sem perda de acento pessoal, Manuel Rui a aproxime, tão cedo quanto possível, da maneira angolana de contar e, mais viva saudação lhe endereçaremos, por certo, futuramente.

J. M. V.